

# ESPAÇO E ESCRITURA EM MALLARMÉ E PEREC: CONFLUÊNCIAS

Tatiana Barbosa da Silva  
Mestranda em Letras – Universidade de São Paulo

Resumo: O texto tem a intenção de realizar uma aproximação entre Stéphane Mallarmé e Georges Perec, a partir da leitura da obra crítica *O livro por vir*, de Maurice Blanchot, trabalhando as noções de espaço, de branco, de ausência e de inacabamento. Apresentaremos a problemática da escrita a partir da noção de espaço pensada por Perec (através da obra *Espèces d'espaces*) e da reflexão de Mallarmé sobre a disposição da escrita na sua obra inacabada e intitulada *Livre*. Trataremos da relação dos autores com a noção de branco, deslocando então o texto para a questão da leitura e da exploração formal da linguagem realizada por Mallarmé, com influências sobre a geração de Perec, do Oulipo, e do exercício poético por “contraintes”.

Palavras-chave: Stéphane Mallarmé – *Livre*. Georges Perec – *Espèces d'espaces*. Maurice Blanchot – Poética do espaço.

Résumé: Le texte a l'intention de réaliser une approximation entre Stéphane Mallarmé et Georges Perec, à partir de la lecture de l'oeuvre critique *Le Livre à venir*, de Maurice Blanchot, en travaillant des notions d'espace, du blanc, d'absence et d'inachèvement. Nous allons présenter la problématique d'écriture à partir de la notion d'espace pensée par Perec (à travers l'oeuvre *Espèces d'espaces*) et de la réflexion de Mallarmé sur la disposition de l'écriture dans son oeuvre inachevée et intitulée *Livre*. On va traiter du rapport des auteurs avec la notion du blanc, en déplaçant donc le texte pour la question de la lecture et de l'exploitation formelle du langage réalisée par Mallarmé, avec des influences sur la génération de Perec, d'Oulipo, et de l'exercice poétique par “contraintes”.

Mots-clé: Stéphane Mallarmé – *Livre*. Georges Perec – *Espèces d'espaces*. Maurice Blanchot – Poétique d'espace.

## Introdução

Através da leitura de dois importantes autores da literatura francesa, Stéphane Mallarmé, de um lado, e Georges Perec, de outro, temos como objetivo fazer uma aproximação de tais autores a partir do tema “espaço e escritura”. A intenção inicial será levantar reflexões e pontos em comum em relação a eles, tendo como ponto central a questão da escritura e do espaço e de como estes autores refletiram e escreveram a partir deste recorte temático. O texto será desenvolvido a partir da apresentação de trechos das obras *Espèces d'espaces*, de Georges Perec, e de algumas reflexões sobre o projeto do

*Livro* de Mallarmé, além de trechos de seu poema “Um lance de dados jamais abolirá o acaso”, tendo como norteadoras as ideias de Maurice Blanchot em sua obra crítica *O livro por vir*, no que concerne à questão da busca por uma obra inalcançável, característica presente em ambos os autores aqui analisados. Essa busca terá caminhos semelhantes percorridos por Mallarmé e Perec: observaremos nas obras analisadas a obsessão pelas regras de escrita, a importância do espaço da página, a tipografia ideal e o papel do leitor.

Stéphane Mallarmé (1842-1898) pode ter sua obra dividida em algumas fases distintas, quais sejam: A primeira, no período de 1861-1864, refere-se ao momento em que era influenciado pelo estilo baudelairiano, produzindo poemas simbolistas como “Brise Marine”. A partir de 1864, decide adotar um estilo que não terá como objetivo “pintar” algo, mas sim representar o efeito produzido por algo. Nesta época, escreverá fragmentos de “Hérodiade” e “L’après-midi d’un faune”. Entre os anos de 1868 e 1883, Mallarmé escreverá somente quatro poemas e sua produção literária só será retomada aos quarenta e dois anos, após muitas crises, quando decide voltar a escrever “Hérodiade”. Sua última fase, mais amadurecida, terá como principal obra o poema “Um lance de dados...” e suas diversas obras inacabadas, devido à morte inesperada. As principais características de sua obra remetem à recusa de viver o mundo, sua total rejeição. Assim, critica a tradição poética e pensa em criar novos padrões para a poesia e a linguagem. Seus poemas são marcados pela luta entre o pensamento e o acaso. Repleto de estruturas complexas, planos superpostos e irradiação de certos temas, entre eles o próprio fazer poético. Por isso podemos dizer que Mallarmé foi um artista que lutou contra o seu tempo, numa época em que as concepções sobre literatura e poesia ainda pertenciam a padrões rígidos impostos pelos costumes da época:

Até o século XIX, a arte de escrever forma um horizonte estável, que seus praticantes não desejam arruinar ou ultrapassar. Escrever em versos é o essencial da atividade literária, e nada é mais evidente do que o verso, mesmo que, nesse quadro rígido, a poesia permaneça entretanto fugidia. Somos tentados a dizer que, pelo menos na França, e sem dúvida durante todo o período clássico da escrita, a poesia recebe a missão de concentrar nela os riscos da arte, e de salvar assim a linguagem dos perigos que a literatura a faz correr: protege-se a compreensão comum contra a poesia tornando-a muito visível, muito particular, domínio fechado por altos muros – e, ao mesmo tempo, protege-se a poesia contra ela mesma, fixando-a fortemente, impondo-lhe regras tão determinadas que o indefinido poético fica desarmado (BLANCHOT, 2005, p. 298).

Haroldo de Campos, em seu livro sobre Mallarmé (1974), afirma que, mesmo quando tomam por motivo objetos externos (como o cigarro ou o leque, por exemplo), os poemas acabam voltando-se para si mesmos, tornando o objeto uma imagem viva da criação poética. Com o poema “Um lance de dados...” Mallarmé irá propor um novo campo de **relações e possibilidades** do uso da linguagem, para o qual converge a experiência da música e da pintura, além dos modernos meios de comunicação que surgiam à época. Sua contestação do verso e da linguagem encerra um capítulo, ao mesmo tempo em que abre outro, em direção a uma nova poesia, sugerindo a **superação do próprio livro como suporte instrumental do poema.**

Georges Perec (1936-1982), muito provavelmente influenciado pelas leituras de Mallarmé, sempre tentou inovar em seu trabalho literário. Sua primeira obra publicada, *As coisas* (1965), já lhe rendeu um importante prêmio em 1965 e, a partir daí, inúmeras foram as inovações encontradas por ele no seu fazer literário. Desde o uso de **contraintes**<sup>1</sup> e de sua participação no Oulipo (Ouvroir de Littérature Potentielle), ficou famoso por compor obras heterogêneas, que vão de romances de aventuras, a projetos autobiográficos, poesias, traduções, trabalhos cinematográficos, entre outros. A obra aqui apresentada, *Espèces d'espaces*, foi publicada em 1974 e não apresenta características de um romance, e sim de uma obra heterogênea e fragmentária composta por diversos textos refletindo sobre as questões do espaço e da escrita, vistas por diversos ângulos. Sua obra *A vida: modo de usar* (1978) foi considerada sua verdadeira obra-prima literária e síntese de seu minucioso trabalho de pesquisa e escritura, visto que seu processo de montagem de capítulos segue a estrutura do tabuleiro de um jogo de xadrez. Artista inquieto e sempre ligado a vários projetos simultâneos, buscava, assim como Mallarmé, essa totalidade inalcançável da obra de arte literária. Por isso, sabemos da grande quantidade de projetos abandonados, inacabados e em fase de “processamento”, quando de sua morte prematura em 1982, situação semelhante à de Mallarmé. Experimentar sempre foi sua motivação para a literatura. Talvez por isso seja difícil classificar Perec num gênero que lhe sirva de parâmetro. O que podemos dizer é que, em toda a sua obra, existiu sempre uma grande preocupação com o processo de escritura e com a participação ativa do seu leitor nesse processo.

Sem trazer respostas prontas, já que partiremos de autores de épocas distintas (apesar das confluências temáticas), nosso objetivo será somente lançar um olhar em conjunto, uma aproximação em direção a esses dois autores, e a partir daí trazer questões possíveis, sempre em busca da investigação, como Mallarmé e Perec fizeram ao longo de suas obras, não tendo a pretensão de encontrar nenhuma solução para os “enigmas” apresentados por eles, mas de chamar a atenção para uma leitura mais ampla destes textos, que leve em conta os problemas aqui apresentados, como uma maneira de refletir o fazer literário e poético de ambos os artistas.

### **1. O espaço da página, a partir de Georges Perec**

Perec define sua **Poética do espaço** através da reflexão sobre diversos espaços com os quais nos relacionamos, sejam eles os espaços da cidade ou os cômodos de uma casa. Nosso interesse maior, em relação ao espaço, estará na discussão do espaço da página, a unidade de espaço mínima de um escritor. Vejamos o que o autor diz sobre o espaço da página: “Eu escrevo; eu habito minha folha de papel, eu invisto nela, eu a percorro. Eu suscito os brancos, os espaços (saltos no senso: descontinuidades, passagens, transições)” (PEREC, 1974, p. 19, tradução minha)<sup>2</sup>.

Habitar a folha, aqui, nos remete ao sentido de criação de um percurso do escritor, percurso esse tanto de escritura de palavras quanto de “escritura de brancos”. Estes brancos, segundo Perec, são as partes do texto que deverão ser completadas pelos leitores, ou seja, além do espaço escrito da página, há também o espaço das margens, os brancos, o espaço da leitura. Assim, a escritura da página não consiste somente no seu preenchimento com letras, palavras ou frases, mas também a escolha de espaços que possam servir de margem do texto ou de criação de espaços de leitura. A definição de Perec refere-se também a um espaço perdido:

Ao colocar a produção de página como produção de brancos, ele está nos dizendo que a página cheia, que a página escrita, está perdida. O fato de Perec afirmar que ele escreve para criar brancos significa que ele escreve para que o leitor escreva. A página perdida é então perdida para o leitor (PINO, 2006, p. 123).

Já no seu texto de apresentação do livro *Espèces d'espaces*, chama a atenção para esse elemento (espaço) que, por ser-nos óbvio, acaba sendo esquecido: “O problema não é inventar o espaço, menos ainda reinventá-lo. [...], mas interrogá-lo, ou, mais simplesmente ainda, lê-lo” (PEREC, 1974, texto de capa, tradução minha)<sup>3</sup>.

Assim, interrogar o espaço, lê-lo, pode ser uma forma de refletir sobre a escrita, sobre as marcas que essa escrita pode deixar? O que significa interrogar esse espaço? Como podemos, através da escrita, pensar no termo **suscitar os brancos**? Podemos pensar que os brancos, aparentemente sem função ou sentido, não são apenas meros suportes para a escrita. Se a escrita é uma forma de habitar o mundo, como o diz Perek, escrever então é fazer algo sobreviver, deixar uma marca, um traço em alguma parte: “Escrever: tentar meticulosamente manter alguma coisa, fazer sobreviver algo: arrancar algumas sobras do vazio que aumenta, deixar, em algum lugar, um rastro, um traço, uma marca ou alguns signos” (PEREC, 1974, p. 123, tradução minha)<sup>4</sup>.

Quando Perek escreve sobre a página, sua escrita já se apresenta como se quisesse transgredir este espaço. Na leitura dos trechos, os brancos são extremamente presentes, como que solicitando ao leitor que os completassem, os lessem, interrogassem. Um exemplo deste uso transgressor da página pode ser facilmente verificado, quando folheamos o livro:

Je vais

à la ligne. Je renvoie à une note en bas de page<sup>5</sup>

Je change de feuille.<sup>6</sup>

### **1.1. O espaço e a escritura em Mallarmé**

“O que nos ensina ainda ‘Um lance de dados’?”, questiona Maurice Blanchot (em sua obra já citada) ao mesmo tempo em que introduz sua reflexão: “A obra literária ali está em suspensão, entre sua presença visível e sua presença legível, [...] quadro que se deve ler, poema que se deve ver e, graças à alternância oscilante, buscando enriquecer a leitura analítica pela visão” (2005, p. 34). Esta ideia da obra em suspensão, defendida por Blanchot, será nosso ponto de partida para refletir sobre a escritura e a leitura na

obra de Stéphane Mallarmé. **O que se escreve, o que se lê e o que se vê na poesia de Mallarmé?**

O espaço em Mallarmé, assim como em Perec, não apresenta uma definição única, já que se mostra heterogêneo e pleno de significados. Para o autor, o espaço também toma diferentes dimensões, de acordo com cada obra. Segundo Bellet (1987, p. 200), o espaço em Mallarmé define-se como “ondulatório, cheio de dobras, de movimentos de ondas, de ventos e navios abstratos”.

Blanchot, referindo-se ao espaço no poema de Mallarmé afirma que “*Um lance de dados* nasceu de um entendimento novo do espaço literário, um espaço onde podem ser engendradas, por meio de novas relações de movimento, novas relações de compreensão” (2005, p. 346). Portanto, ler o poema significa, em poucas palavras, ter que estabelecer uma nova relação com o movimento, com a leitura, e a partir daí, ser constantemente confrontado com o espaço que se tinha concebido anteriormente.

Essa ideia do movimento está presente em boa parte da obra de Mallarmé, movimento esse que estará inteiramente ligado ao espaço: ainda segundo Bellet, este espaço parece “sofrer de uma sede de multi-presenças ausentes, do vazio cheio de ecos: o quarto vazio apela para um hóspede, o vaso vazio para uma flor e suas formas apelam para um ideal prolongamento” (1987, p. 200).

O processo de escritura em que utiliza o espaço (também) como parte do processo, terá como consequência uma língua inovadora, diferente da nossa língua cotidiana. Segundo Blanchot, Mallarmé será capaz de elaborar um espaço próprio da linguagem, espaço onde Mallarmé restituirá a profundidade e a não-linearidade. O resultado será uma abertura dessa mesma linguagem, através do novo espaço constituído:

Essa nova língua que, segundo pretendem alguns, Mallarmé criou por não se sabe que desejo de esoterismo – e que Jacques Scherer estudou muito bem há tempos – é a língua estrita, destinada a elaborar, segundo novas vias, o espaço próprio da linguagem, que nós, em nossa prosa cotidiana assim como no uso literário, reduzimos a uma simples superfície percorrida por um movimento uniforme e irreversível. A esse espaço, Mallarmé restitui a profundidade. Uma frase não se contenta com desenrolar-se de maneira linear; ela se abre; por essa abertura, sobrepõem-se, soltam-se, afastam-se e juntam-se, em diferentes níveis de profundidade, outros movimentos de

frases, outros ritmos de falas, que se relacionam uns com os outros segundo firmes determinações de estrutura, embora estranhas à lógica comum – lógica de subordinação – a qual destrói o espaço e uniformiza o movimento. Mallarmé é o único escritor que pode ser considerado profundo (BLANCHOT, 2005, p. 347).

## 1.2. A tinta negra sobre o papel branco

Ao tratarmos do processo de escritura de Mallarmé, podemos notar que ele constrói sua noção de escrita em relação ao espaço, e a sua noção de escrita do espaço. Em *Quant au livre*, Mallarmé se refere à literatura como “*l’action restreinte*”, ou seja, trata-se de uma ação limitada, pois na literatura não há acontecimento, como veremos através do poema “Um lance de dados...”, mas apenas pensamento: “Teu ato sempre se aplica ao papel; porque meditar, sem traços, torna-se evanescente, nem que se exalte o instinto em algum gesto veemente e perdido que procurarás” (MALLARMÉ, 1945, p. 369, tradução minha<sup>7</sup>).

A literatura (aqui em especial representada pelo poema) pode ser definida como um traço, ou uma marca do pensamento e não como um acontecimento. Por isso, ela possui uma maneira tão particular de existir, ao proporcionar esse jogo entre tempo e espaço:

O acontecimento do qual o poema faz seu ponto de partida não é dado como fato histórico e real, ou ficticiamente real: ele só tem valor relativamente a todos os movimentos de pensamento e de linguagem que podem dele resultar, e cuja figuração sensível “*com retiradas, prolongamentos, fugas*” parece ser outra linguagem, instituindo o jogo novo do espaço e do tempo (BLANCHOT, 2005, p. 353).

Mallarmé reflete também sobre o processo de escritura considerando como princípio básico a oposição entre a tinta negra e o papel branco. Ele acredita que esta disposição é a única que possui um valor simbólico. Assim, ele define esta escritura como a inversa da escritura das estrelas: o livro do céu é escrito em branco sobre o céu negro. A escrita, portanto, será representada por esse contraste entre tinta/papel, preto/branco.

Assim, o poeta trata do ato material de escrita, tendo como exemplo o tinteiro, cristalino, mas que carrega consigo as trevas. Entretanto, logo a ideia de brancura reaparece com a luz da lâmpada... e as ideias de oposição permanecem presentes.

Mas, como nos diz o poeta, não se escreve luminosamente sobre um campo obscuro, como no caso dos astros, das estrelas que brilham no céu negro. No caso do homem, o processo é inverso, ele escreve suas sombras, suas trevas sobre a brancura do papel. Esta é a análise que Scherer (1957, p. 50) faz sobre esta ideia de oposição apresentada por Mallarmé: “À constelação celeste corresponde à negra escritura humana, dobra de sombra que bruscamente retém o infinito”. Segundo Scherer, então, assim como reflete Mallarmé, afirma que “a escritura é uma criação invertida”.

A escrita não é por isso, uma luz, mas sim, uma sombra. Escrever, então, seria continuar e prolongar a escuridão? Cada gota de tinta, cada traço negro que corrompe a brancura da página é marca do prolongamento e da continuação do mistério que nos envolve e envolve todas as coisas? Assim, o branco do papel, para Mallarmé, tanto quanto para Perec, não é um simples suporte: tem seu valor, vibra em função do preto da tinta impressa sobre ele. Assim, nos textos literários e/ou nos livros impressos, teremos a relação entre o preto e o branco como um elemento de essencial valor literário.

## **2. O branco da página**

A partir das questões apresentadas, refletiremos sobre a importância do branco da página, a partir do poema “Um lance de dados...”. Já em seu prefácio, Mallarmé nos previne do uso de brancos no texto. Segundo ele, “os brancos assumem importância”, já que ocupam um espaço considerável da página. Afirma, entretanto, que não pretende transgredir a medida da página, mas simplesmente “dispersá-la”.

A ideia de “dispersar” o poema, fazer a leitura ir de uma página a outra, através do movimento, “segundo uma visão simultânea da Página”, ou nos dando o resultado de uma partitura, (para aqueles que quiserem ler em voz alta) graças aos prolongamentos, fugas e seu desenho em movimento, faz com que o processo da leitura seja “agressivo” ou até mesmo “perturbador” para um leitor desavisado. As dispersões e brancos do texto, além dessa visão simultânea de que trata Mallarmé é definida por Blanchot como a representação sensível do pensamento e da linguagem do poeta:



Pela primeira vez, o espaço interior do pensamento e da linguagem é representado de uma maneira sensível. A “*distância... que mentalmente separa grupos de palavras ou palavras entre elas*” é visível tipograficamente, assim como a importância de tais termos, seu poder de afirmação, a aceleração de suas relações, sua concentração, seu espalhamento, enfim a reprodução, pela aparência das palavras e por seu ritmo, do objeto que elas designam (BLANCHOT, 2005, p. 354).

É aqui que novamente nos deparamos com semelhanças em relação à **Poética do espaço** de Perec, que inclui não só o branco e a ausência como uma das maneiras possíveis de escrita/leitura, como também os movimentos dessa escrita/leitura, a participação ativa do leitor, a reflexão sobre os efeitos desta participação, tanto para o leitor como para o próprio escritor.

É nesse interstício entre o branco da folha e o negro da tinta, como escreve frequentemente Mallarmé, que estão ali representados os espaços que fazem parte da obra literária, e que não existiriam se não houvesse a escrita e a sua consequente leitura. Segundo Scherer, este é o ponto central da reflexão de Mallarmé: o livro só pode se realizar a partir da soma dos opostos, do preto e do branco, que serão complementares entre si. Sendo assim, “o Livro se desdobra pela soma do preto e do branco, se o preto e o branco são iguais. Ao termo de toda literatura, o preto e o branco, estes irmãos inimigos, seriam reconciliados” (SCHERER, 1957, p. 52).

As palavras, escritas com tinta negra sobre papel branco, e a partir daí transformadas em imagens, juntamente com as imagens provocadas pelos espaços em branco, causam algum tipo de efeito no leitor? Como Mallarmé define a questão da leitura em sua obra? Podemos pensar na intervenção do leitor no tempo e modo de leitura?

Ambos os autores parecem considerar mais interessante não ter que apresentar um “manual de instruções” sobre aquilo que foi (ou não) escrito. No início do prefácio de “Um lance de dados...”, por exemplo, Mallarmé deixa claro que preferiria que este texto não fosse lido, ou pelo menos esquecido. Como se ele não tivesse a intenção de dar “pistas” de leitura, como se a participação do leitor em encontrar sua própria leitura fosse mais interessante. Assim, experiência de leitura nos parece, em Mallarmé, a questão mais importante a ser refletida. O movimento que será empregado, comparado a uma partitura, nos faz pensar a partir de um novo modo de ler, que saia do padrão dos já

dados versos e estrofes. Os espaços em branco contribuem à medida que proporcionam este movimento e esta experiência de leitura, inovadores e instigantes para o leitor.

Perec também deixou claro que sua “explicação” prévia sobre a escrita dos poemas *Alphabets*, por exemplo, o decepcionou. Texto claramente carregado de **contraintes**, teve seu foco desviado, quando indicou as pistas de como havia sido escrito e pareceu ter perdido seu “valor”, segundo o autor, pois a partir daí todos os comentários sobre a obra deixaram de ser sobre seu conteúdo, e passaram a tratar somente da maneira como havia sido criada. Para Mallarmé e Perec, cada um a seu modo, criar este jogo entre escrita e leitura, proporcionar essa interação e experiência através texto literário, parece ter uma relevância muito maior do que dar a estes leitores todas as pistas de leitura ou respostas prontas para o “entendimento” de suas obras literárias.

## 2.1. Os brancos e ausências na leitura: o papel do leitor

Para Perec, o ato de leitura depende do jogo que se estabelece entre escritor e leitor. Mais do que simplesmente ler, o leitor deve ter um olhar crítico sobre aquilo que lê. Assim, o autor desafia constantemente seu leitor através dos jogos de leitura que apresenta, exigindo deste processo de leitura um olhar oblíquo, em viés, pleno de desconfianças e críticas, para que a interação entre autor/leitor se estabeleça de forma satisfatória:

Certa arte da leitura – e não apenas a leitura de um texto, mas disso que chamamos a leitura de um quadro, ou a leitura de uma cidade – poderá consistir em ler de viés, a empreender sobre o texto um olhar oblíquo (mas já não se trata mais da leitura no seu nível fisiológico : como poderíamos ensinar aos músculos extraoculares a “ ler de outro modo”? (PEREC, 1985, p. 115)<sup>8</sup>.

Perec busca, através de seu processo de escritura, desenvolver em seus leitores o que chama “ler de outro modo”. A leitura não poderá ser mais um ato passivo, de total confiança naquilo que se lê. A obra de arte literária será constantemente marcada por esta participação ativa do leitor, sempre buscando esta leitura em viés, que consiga enxergar um texto que transforme sua vida, assim como consiga enxergar um novo mundo a partir também desta leitura. Qual o movimento provocado pela leitura, no

próprio leitor? É uma questão presente tanto em Péric quanto em Mallarmé, como veremos a seguir.

Mallarmé, ao tratar do ato da leitura, tenta enfatizar seu importante papel, assim como também a participação do leitor, funcionando como um complemento, uma continuação na criação de espaços, páginas e brancos.

Ler –

Esta prática – Apoiar-se, a partir da página, no branco, que a inaugura, sua ingenuidade, a si mesma, esquecida do título que falará muito alto: quando se alinhar, numa ruptura, a menor, disseminada, o acaso vencido palavra por palavra, infalivelmente o branco retorna [...] Virgindade que solitariamente, diante de uma transparência do olhar adequado, ela mesma se dividiu em seus fragmentos de candura, um e outro, provas nupciais da Ideia (MALLARMÉ, 1945, p. 386)<sup>9</sup>.

A leitura, então, é o ato que restitui a virgindade da página em branco? O ato de ler, assim como o de escrever, também pode ser uma maneira de criar brancos, espaços, mistério, ou pensamento? Vejamos como Blanchot nos explica o ponto de vista de Mallarmé em relação ao leitor:

Mallarmé chama o leitor de “o operador”. A leitura, como a poesia, é a “operação”. Ora, ele confere sempre a essa palavra, ao mesmo tempo, o sentido que a liga à palavra “obra” e o sentido quase cirúrgico que recebe ironicamente de sua aparência técnica: a operação é supressão, é, de certa maneira, a *Aufhebung* hegeliana. A leitura é operação, é obra que se cumpre suprimindo-se, que se prova confrontando-se com ela mesma e se suspende ao mesmo tempo que se afirma. (BLANCHOT, 2005, p. 357-358).

Portanto, pensando em **supressão** a partir da “operação” de leitura, nos deparamos novamente com as questões da ausência, dos brancos, do inacabamento, questões estas que estarão presentes tanto no processo de escrita quanto no processo de leitura dos textos do poeta francês. Indo do processo de produção à recepção, estes serão os temas recorrentes nas obras aqui apresentadas, sejam elas de autoria de Mallarmé ou de Georges Péric.

### 3. Tipografia “ideal”

Em seu livro *La poésie de Stéphane Mallarmé*, Albert Thibaudet afirma que “à tipografia, parte essencial do poema, Mallarmé tinha empregado cuidados meticulosos; ele tinha feito pesquisas nas gráficas para descobrir os caracteres apropriados...” (MALLARMÉ, 1945, p. 1389, tradução minha). A partir da informação apresentada pelo crítico, discutiremos a questão de extrema importância para ambos os autores aqui analisados. Pensando na questão da importância da tipografia, é impossível não mencionar a descrição minuciosa, ou quase obsessiva, que Perec faz de uma folha de papel, em *Espèces d’espaces*:

O espaço de uma folha de papel (modelo regulamentar internacional, em uso nas Administrações, à venda em todas as papelarias) media 623,7 cm<sup>2</sup>. É necessário escrever um pouco mais de dezesseis páginas para ocupar um metro quadrado. Supondo que o formato médio de um livro seja 21 x 29,7 cm, poderíamos, desfolhando todas as obras conservadas na Biblioteca nacional e espalhando cuidadosamente as páginas umas ao lado das outras, cobrir inteiramente, seja a ilha de Santa Helena, seja a de Trasimeno (PEREC, 1974, p. 18)<sup>10</sup>.

Em se tratando da busca pela tipografia ideal, tanto em Perec quanto em Mallarmé, temos condições de refletir sobre a utilização de tipos distintos, de diferentes dimensões. Por acaso podemos supor que estas distinções querem relacionar-se com o movimento da leitura? A posição das linhas tipográficas indica diferenças de entonação? A configuração do espaço gráfico da página, assim como as relações entre as páginas, assume importância na obra literária?

Estas são algumas das questões levantadas pelo próprio Mallarmé no prefácio de “Um lance de dados...”. Veremos a seguir dois exemplos de disposições tipográficas não lineares, um no poema já citado e outro no livro *Espèces d’espaces*. Começando pelas três primeiras páginas do poema de Mallarmé, aqui representadas somente para ilustrar a relação entre os escritos e os brancos, e não para seguir fielmente a tipografia empregada pelo poeta<sup>11</sup>:

UM LANCE DE DADOS		<p style="text-align: center;"><b>JAMAIS</b></p> <p style="text-align: center;">MESMO QUANDO LANÇADO EM CIRCUNSTÂNCIAS</p> <p>ETERNAS</p> <p style="text-align: center;">DO FUNDO DE UM NAUFRÁGIO</p>
Página 1	Página 2	Página 3

É possível também que Mallarmé tenha pensado nas diferentes disposições das páginas deste poema com o intuito de promover diferentes percursos de leitura, ideal imaginado para o seu *Livro*? O que dizer da página inteiramente branca antes do início do poema? No exemplo a seguir, vemos Perec tratar novamente da questão do negro sobre o branco, virgem, criando o espaço da escrita:

J'écris...

J'écris: j'écris...  
J'écris: "j'écris..."  
J'écris que j'écris...  
etc.

J'écris : je trace des mots sur une page.  
Lettre à lettre, un texte se forme, s'affirme, s'affermit, se fixe, se fige :  
une ligne assez strictement h

o  
r  
i  
z  
o  
n  
t  
a  
l  
e

se dépose sur la

feuille blanche, noircit l'espace vierge, lui donne un sens, le vectorise. (...)

Avant, il n’y avait rien, ou presque rien; après, il n’y a pas grand-chose, quelques signes, mais qui suffissent pour qu’il y ait un haut en bas, un commencement et une fin, une droite et une gauche, un recto et un verso<sup>12</sup>.

#### 4. Em busca de uma totalidade inalcançável

Como sabemos, o grande projeto de Mallarmé – o objeto de estudos que realizou desde 1866 até os últimos dias de sua vida – o *Livro* – trata também da questão da reflexão sobre o espaço e a escritura. Considerado como sua obra inalcançável, o *Livro*, para Mallarmé era como uma hipérbole de todos os livros existentes, que atingisse uma total pureza. Scherer (1957, p. 22) nos explica como Mallarmé distinguia o seu *Livro* dos demais: “Os livros comuns são pessoais: o Livro será objetivo. Os livros comuns são circunstanciais: o livro não se ligará a nenhum objeto particular e tratará da totalidade das coisas existentes”.

Podemos identificar relações entre o poema “Um lance de dados” e o *Livro*? Segundo Blanchot, o poema seria uma espécie de “presença dissimulada” do *Livro*, mesmo que a ideia de uma realização em relação a essa Obra inalcançável pareça um tanto quanto contraditória:

Naturalmente, não direi que *Um lance de dados* é o Livro, afirmação que a exigência do Livro privaria de todo sentido. Mas, muito mais do que as notas reanimadas por Jacques Scherer, o poema dá ao Livro apoio e realidade, ele é sua reserva e sua presença sempre dissimulada. Do Livro, ele tem o caráter essencial: presente com o traço de relâmpago que o divide e reúne, e no entanto extremamente problemático, a ponto de continuar sendo, mesmo hoje, para nós tão familiarizados (acreditamos) com tudo o que não é familiar, **a obra mais improvável** (BLANCHOT, 2005, p. 345, grifo meu).

Portanto, as duas obras (uma acabada e outra não) parecem circundar o mesmo espaço da improbabilidade – apesar de somente o *Livro* ter sido considerado pelos críticos da época como um fracasso – e da busca por algo que ainda não foi alcançado, pelo livro que está ainda “por vir”.

Como afirma Blanchot, havia em Mallarmé o “o desejo de substituir a leitura ordinária, na qual se deve ir de parte em parte, pelo espetáculo de uma fala simultânea em que tudo seria dito ao mesmo tempo, sem confusão” (2005, p. 85). Seguindo essa ideia da leitura não linear, ou de uma “fala simultânea”, proposta por Mallarmé, a significação total ou absoluta do *Livro* só poderia ser alcançada se cada leitor fizesse sua própria leitura, cada um a sua maneira:

A ideia central desta obra residia em um projeto de uma série de leituras públicas, destinadas a um público restrito. O leitor, ou melhor dizendo, o operador, deveria utilizar ali um número fixo de folhas e, de leitura em leitura, retomar a cada vez as mesmas páginas, mas em uma ordem diferente. Cada nova disposição teria ali provocado a possessão de uma significação total, ou absoluta (RICHARD, 1961, p. 565).

Portanto, poderemos refletir, seguindo as ideias propostas por Mallarmé: porque deveríamos seguir, linearmente, as páginas de um livro, se este representa todas as coisas do mundo e, neste mundo, não há uma ordem a ser seguida?

Para ilustrar o tema da obra “inalcançável”, citaremos uma anedota perecquiana: em uma carta enviada ao editor e amigo Maurice Nadeau, em julho de 1969, e publicada na coletânea de textos intitulada *Je suis né* (1990), Georges Perec descreve vários de seus projetos em andamento. O mais incomum refere-se ao texto intitulado *Lieux*: trata-se de visitar doze lugares diferentes, durante doze anos, e escrever, mensalmente, duas vezes sobre o mesmo lugar: um primeiro texto sobre o que vê e descreve nesses lugares e, posteriormente, um texto sobre o que lembra desses lugares. Após a escrita, esses textos seriam envelopados e guardados, e só abertos ao final dos doze anos, para que o autor pudesse analisar o que mudou nos lugares, o que mudou na sua memória sobre esses lugares (pretendendo, assim, analisar o envelhecimento dos lugares e de sua memória). Este é só um dos muitos projetos inacabados de Perec, que desejava criar um livro que abarcasse o mundo, o tempo, o espaço, a memória. Talvez todo artista busque, de uma forma ou de outra, encontrar essa totalidade a partir do momento em que começa a escrever. Mas o que fica evidente aqui é que, mais importante do que finalizar seus projetos, o próprio fazer literário e sua busca pelo inalcançável é aquilo que mobilizou a vida de ambos os autores aqui apresentados. O que nos leva a refletir, finalmente, e ainda apoiando-nos nas ideias de Blanchot, quando nos referimos aos ideais almejados pelos artistas:

O que atrai o escritor, o que impulsiona o artista não é diretamente a obra, é sua busca, o movimento que conduz a ela, a aproximação que torna a obra possível: a arte, a literatura e o que essas duas palavras dissimulam. Por isso um pintor, a um quadro, prefere os diversos estados desse quadro. E o escritor, frequentemente, não deseja acabar quase nada, deixando em estado de fragmentos com narrativas que tiveram a função de conduzi-lo a determinado ponto, e que ele deve abandonar para tentar ir além desse ponto (BLANCHOT, 2005, p. 291).

## 5. Questões / (in) conclusões

Podemos imaginar também que Perec tenha escrito suas frases assim dispostas simplesmente para seguir mais uma de suas **contraintes**? Ou também tinha a intenção de causar outros efeitos de leitura? Assim, podemos pensar no poema “Um lance de dados...” e no livro *Espèces d’espaces* como imagens de um quadro que deve ser lido, através dos espaços que devem ser preenchidos, a partir de nossa experiência individual? Todas as questões colocadas aqui não terão respostas imediatas. A investigação (que fez parte da obra dos dois autores, em diferentes aspectos) é a questão que suscitou maior interesse, mas encontrar respostas talvez não seja tarefa tão fácil.

Podemos, sim, refletir sobre as constantes buscas apresentadas até aqui por parte de ambos os autores. Perec, na sua constante obsessão pelas **contraintes**, criou uma obra heterogênea, mas que focou sempre na questão do esgotamento, da minúcia em relação à língua, na escrita não automática e, portanto, levada à exaustão; à ideia máxima de atingir a perfeição daquilo que se queria dizer. Como já ressaltamos, é evidente lembrar, ao estudar sua biografia, que o autor deixou uma quantidade considerável de manuscritos etiquetados e envelopados, sem publicação, que ainda teriam que passar por suas rigorosas análises, regras de classificação e posteriores alterações.

Era sua obsessão por compor, ele também, um projeto maior, de cunho autobiográfico, cheio de ramificações, anotações e pesquisas a serem concluídas, numa busca eterna por algo que não foi concretizado em vida. Perec, como Mallarmé, teve grande parte de sua obra publicada após sua morte; obra de caráter inacabado e que continua sendo investigada e publicada até hoje.



Chegamos a esse ponto do texto concluindo que estas reflexões possam ter, ao menos, iniciado um projeto, uma ideia ou um pensamento para outros textos, outros escritos, e que sempre haja ainda algo a ser desenvolvido.

Assim como os autores, que trabalharam a partir da palavra e de suas constantes tentativas de projetos “inalcançáveis”, nós pesquisadores estaremos sempre em busca de uma nova inspiração, novas questões a serem levantadas, através de novos caminhos de pesquisa, mas tendo em mente que as conclusões talvez sejam, de alguma forma, a busca de um ideal (igualmente) inalcançável.

## Referências

- BELLET, Roger. *Mallarmé - L'encre et le ciel*. Seyssel: Champ Vallon, 1987.
- BLANCHOT, Maurice. *O livro por vir*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CAMPOS, Haroldo de. *Mallarmé*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- MALLARMÉ, Stéphane. *Oeuvres complètes: Quant au Livre*. Paris: Gallimard, 1945.
- NICOLAS, Henry. *Mallarmé et le symbolisme*. Paris: Larousse, 1964.
- PEREC, Georges. *Espèces d'espaces*. Paris: Galilée, 1974
- PEREC, Georges. *A vida modo de usar: romances*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- PEREC, Georges. *As coisas: uma estória dos anos sessenta*. São Paulo: Nova Crítica, 1969.
- PEREC, Georges. *Penser/classer*. Paris: Hachette, 1985.
- PEREC, Georges. *Je suis né*. Paris: Seuil, 1990.
- PINO, Claudia C. A. O espaço modo de usar: Georges Perec. *Lettres Françaises*, Araraquara, v. 7, 2006.
- RICHARD, Jean-Pierre. *L'univers imaginaire de Mallarmé*. Paris: Seuil, 1961.
- SCHERER, Jacques. *Le "Livre" de Mallarmé*. Paris: Gallimard, 1957.

Recebido em 31/03/2012  
Aprovado em 29/10/2012

---

<sup>1</sup> Restrições formais aplicadas a um texto literário, prática bastante difundida pelo Oulipo, grupo de experimentação literária do qual Perec fez parte a partir do ano de 1967.

<sup>2</sup> “J’écris: j’habite ma feuille de papier, je l’investis, je la parcours. Je suscite des *blancs*, des *espaces* (sauts dans le sens: discontinuités, passages, transitions).

<sup>3</sup> “Le problème n’est pas d’inventer l’espace, encore moins de le ré-inventer [...], mais de l’interroger, ou, plus simplement encore, de le lire”.

<sup>4</sup> “Écrire: essayer méticuleusement de retenir quelque chose, de faire survivre quelque chose: arracher quelques bribes précises au vide qui se creuse, laisser, quelque part, un sillon, une trace, une marque ou quelques signes”.

<sup>5</sup> Apresentando o texto nesta disposição, o autor acrescenta à nota de rodapé o seguinte comentário: “J’aime beaucoup les renvois en bas de page, même si je n’ai rien de particulier, à y préciser” (“Eu gosto muito das notas de fim de página, mesmo que eu não tenha nada de particular para ali precisar” [tradução minha]).

<sup>6</sup> Preferimos manter o original para explicitar o efeito das palavras no espaço, preservando os aspectos da publicação. A tradução do trecho segue: “Eu vou/ à linha. Eu remeto a uma nota de fim de página/ Eu mudo de folha”.

<sup>7</sup> “Ton acte toujours s’applique à du papier; car méditer, sans traces, devient évanescent, ni que s’exalte l’instinct en quelque geste véhément et perdu que tu cherchas”.

<sup>8</sup> “Un certain art de la lecture – et pas seulement la lecture d’un texte, mais ce que l’on appelle la lecture d’un tableau, ou la lecture d’une ville – pourrait consister à lire de côté, à porter sur le texte un regard oblique (mais déjà, il ne s’agit plus de la lecture à son niveau physiologique): comment pourrait-on apprendre aux muscles extra-oculaires à ‘lire autrement?’”

<sup>9</sup> “Lire – Cette pratique – Appuyer, selon la page, au blanc, que l’inaugure, son ingénuité, à soi, oublieuse même du, titre qui parlerai trop haut: et, quand s’aligna, dans une brisure, la moindre, disséminée, le hasard vaincu mot par mot, indéfectiblement le blanc revient [...] Virginité qui solitairement, devant une transparence du regard adéquat, elle-même s’est comme divisée en ses fragments de candeur, l’un et l’autre, preuves nuptiales de l’Idée”.

<sup>10</sup> “L’espace d’une feuille de papier (modèle réglementaire international, en usage dans les Administrations, en vente dans toutes les papeteries) mesure 623,7 cm<sup>2</sup>. Il faut écrire un peu plus de seize pages pour occuper un mètre carré. En supposant que le format moyen d’un livre soit de 21 x 29,7 cm, on pourrait, en dépiautant tous les ouvrages imprimés conservés à la Bibliothèque nationale et en étalant soigneusement les pages les unes à côté des autres, couvrir entièrement, soit l’île de Sainte-Hélène, soit le la de Trasimène”.

<sup>11</sup> Aqui o texto do poema segue a tradução do original feita por Haroldo de Campos, no livro *Mallarmé*, de 1974.

<sup>12</sup> Nesta citação de obra literária a formatação padrão de recuo não foi utilizada, para que fosse apresentado, da maneira mais ilustrativa possível, como o autor dispôs seu texto no livro. A tradução do trecho segue: “Eu escrevo/Eu escrevo: eu escrevo.../Eu escrevo: ‘Eu escrevo...’/Eu escrevo que eu escrevo.../etc./ Eu escrevo: eu traço palavras sobre uma página/Letra a letra, um texto se forma, se afirma, se fecha, se consolida, se fixa, se congela: uma linha estritamente horizontal se coloca sobre a folha branca, escurece o espaço virgem, dá a ele um senso, o vetoriza [...] Antes, não havia nada, ou quase nada; depois, não há muita coisa, alguns signos, mas que são suficientes para que haja um alto e baixo, um começo e um fim, uma direita e uma esquerda, um reto e um verso”.